

## ALGUNS MODOS DE TRANSPASSAR O LUTO NO COTIDIANO DOS OFICIAIS DO CORPO DE BOMBEIROS

Ana Claudia Aparecida Neves Unger Lamas Rosa<sup>1</sup>; Bruno Bonfá Araujo<sup>2</sup>; Geovana Melissa Castrezana Anacleto<sup>3</sup>; Wilma Magaldi Henriques<sup>4</sup>

Estudante do Cursos de Psicologia; e-mail: claudiaungerlamas@hotmail.com<sup>1</sup>

Estudante do Curso de Psicologia; e-mail: brunobonffa@outlook.com<sup>2</sup>

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: geovana\_castrezana@hotmail.com<sup>3</sup>

Professor da Universidade de Mogi das Cruzes; e-mail: wilmahenriques@hotmail.com<sup>4</sup>

Área do conhecimento: Psicologia

Palavras – chave: Luto; Morte; Finitude.

### INTRODUÇÃO

Em um contexto biológico a morte é algo natural, pois está no processo de nascer, mas o indivíduo está sempre à procura de um sentido e um significado para além das instâncias biológicas. De todas as experiências da vida, a morte impõe os desafios adaptativos mais dolorosos para a família como sistema e para cada um dos envolvidos individualmente, e a negação dessa morte aumenta essa dificuldade. Para Kübler-Ross (1997), a morte leva o indivíduo a experienciar o sentimento de perda daquilo que lhe era significativo, denominando-se luto. O sentimento do luto não precisa surgir necessariamente por ocasião de uma morte, mas também por uma separação, pela perda de um membro amputado, de um emprego, modificação corporal ou outros fatores que geram alterações bruscas nas condições de vida do indivíduo. Essa vivência pode variar entre uma pessoa e outra, considerando sua singularidade, podendo ser experienciado de forma individual ou coletiva, e a mudança de papéis pode gerar angústias e sobrecarregar determinados membros da família. É fato que mesmo a partir das variadas experiências que surgirão, o luto caracteriza-se como uma prova dolorosa e intensa que pode ser vivenciado por qualquer pessoa. O processo de luto pode apresentar diversas fases que segundo Kübler-Ross (1997) são: negação e isolamento, ira, barganha, depressão e aceitação. O tipo de morte seja perda inesperada, prematura, suicídio, assassinato ou doença longa poderá determinar o tempo em que uma pessoa passará por esse luto, pois é um processo de reconstrução e reorganização diante da morte. Socialmente, diante de uma perda, as pessoas são impelidas a voltar o quanto antes para suas atividades do cotidiano, e seguir a vida como se nada tivesse acontecido, dessa forma evitando pesares e buscando a neutralização do desconforto e da dor psíquica. A cultura do não falar do luto é inserida na sociedade, pois deparar-se com a morte do outro é ver-se na própria incerteza da vida, e admitir que a única certeza é de que o indivíduo é finito, podendo dessa forma limitar suas possibilidades. Profissionais que trabalham diretamente com a morte podem apresentar um despreparo em lidar com o luto do outro. Levando a uma sobrecarga emocional, uma re-experienciação de medos infantis de separação e abandono, medo de sua própria morte ou de indivíduos significativos. Os resultados do *stress* causado pelo contato direto e constante com a morte são: alto nível de tensão, baixa autoestima, angústia, ansiedade, faltas ou abandonos de tarefas e outros problemas de saúde (PARKES, 2009).

## **OBJETIVOS**

Objetivou-se investigar junto aos oficiais do Corpo de Bombeiros o modo como lidam com a morte, bem como o modo pelo qual se aproximam de sua possibilidade diária de finitude identificando através de suas narrativas suas possíveis afetações no contato diário com a morte.

## **METODOLOGIA**

Após a aprovação do Comitê de Ética, parecer 17.48515, o Corpo de Bombeiros foi contactado para que as entrevistas fossem agendadas. Para esta pesquisa foi utilizado o caminho da pesquisa qualitativa, que segundo Gomes (1998) trabalha com “capta”, ou seja, o que é tomado, o que é vivido. O entrevistador deixa-se conduzir pela expressão do entrevistado criando assim uma mutualidade de experiências entre os dois comunicantes. Participaram da entrevista dez oficiais do Corpo de Bombeiros de uma cidade do Alto Tietê, efetivos e em plena atividade. O instrumento escolhido foi uma entrevista do método oral descrito por Meihy (1991) e Henriques (2005). Todas as entrevistas foram gravadas com a concordância dos entrevistados e posteriormente digitalizadas. A entrevista teve a seguinte pergunta disparadora: *Pode me contar como sua experiência diária com a morte no seu trabalho cotidiano influencia no seu modo de trabalhar?* O contato com os oficiais ocorreu na sede do Corpo de Bombeiros, no qual se explicou o conteúdo do projeto, assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a entrevista que, com seu consentimento foi gravada. As entrevistas então foram digitadas fielmente, lidas e relidas e palavras-chave foram buscadas. Segundo Meihy (1991, p.30), a palavra-chave é básica e fundamental. É por ela que se define a musicalidade da entrevista e se afiança o tom pretendido pelo narrador. Em seguida cada depoimento passou por um processo de textualização onde a voz do entrevistador foi anulada e contextualizada. Durante esse processo foi realizado o que Henriques (2005) chama de cartografia (inclui o acompanhamento, em campo, das vibrações/pulsões, configuradas na práxis cotidiana), em que os pesquisadores entraram em contato com todo o material colhido buscando encontrar em cada depoimento a questão inquietadora dessa pesquisa. A seguir foram selecionados trechos de depoimentos, usando o critério da exemplariedade conforme Henriques (2005), ou seja, depoimentos que continham a indagação dos pesquisadores. Por último, ocorreu o chamado entrelaçamento de depoimentos onde foram feitos, recortes das falas dos depoimentos entrelaçados com reflexões dos pesquisadores e com afirmações dos autores estudados, como uma busca de encontrar sentido e refletir acerca dos objetivos da pesquisa.

## **RESULTADOS/DISCUSSÃO**

Nos resultados encontrados nos depoimentos dos oficiais do Corpo de Bombeiros, que ilustraram suas possíveis afetações diárias com a morte, o modo como lidam, e como a morte do outro pode aproximá-los de sua finitude, percebemos que não há para esses entrevistados um preparo para lidar com o sofrimento e a morte, o que existe é um processo de ressignificação da energia investida no objeto perdido, portanto apenas após o processo de perda é que o indivíduo procura um novo objeto ou uma nova maneira de investir essa energia. (BOWLBY, 1982). Os discursos desses oficiais são carregados de sensações que sufocam e afastam o contato “cru” com os sentimentos ligados a morte. Para compreender um pouco mais do que falam nossos depoentes, Kübler-Ross (1997) ao descrever os níveis do luto, identifica como primeiro estágio a “Negação e Isolamento”, neste momento a notícia envolvendo a morte apresenta-se como situação que abafa ou amortece as sensações do indivíduo e é observado na fala dos depoentes.

De todas as experiências da vida, a morte impõe os desafios adaptativos mais dolorosos para o indivíduo e negá-la dificulta a internalização do que é essencial. Os entrevistados relatam que preferem qualquer discussão do cotidiano a falar sobre a morte. Sendo assim, constatou-se que a morte é um fator estressante e, se não há possibilidade de negar a morte, pode-se tentar dominá-la, e isso foi observado nos depoimentos quando revelaram que dessa forma, o morrer do outro pode transpassar nosso existir. Esses oficiais são tocados pela experiência de finitude, aprendem com as perdas e com as possibilidades de existência. Ao encararmos a morte entramos em contato com nossa própria fragilidade de ser, nos deparamos com nosso próprio destino mortal, este é um processo que remete a certeza de que todos iremos morrer um dia. O pensamento direto a respeito da morte ou, o pensamento indireto a respeito de manter-se vivo e evitar a morte, pode ocupar mais tempo do homem do que qualquer outra coisa, afirma Bowlby (1982). Desse modo, foi verificado que a morte pode aproximar os participantes de suas crenças, favorecendo a capacidade de sentimentos negativos que esse processo nos impõe, e utilizam da oração como diminuição de suas angústias frente à possibilidade de não retorno. Podemos perceber que o fato de lidar com a morte em seu cotidiano, fez com que muitos dos oficiais ressignificassem suas experiências e que além dos fatores socioculturais e religiosos, existem aspectos de ordem individual que podem vir a prejudicar o enfrentamento da morte, tais como as experiências profissionais e pessoais que os oficiais tiveram com a perda de pessoas próximas efetivamente. Constatamos nos depoimentos que a exposição ao traumático e a falta de preparação para lidarem com situações emocionais extremas, pode levá-los a diversas afetações. As ocorrências experimentadas no cotidiano do trabalho fazem desses oficiais pessoas mais sensíveis a dor, ao abandono, ao desamparo.

## **CONCLUSÕES**

Como nossos objetivos propunham, esta pesquisa teve como função investigar junto aos oficiais do Corpo de Bombeiros de uma cidade do Alto Tietê, os modos adotados pelos oficiais para lidarem com a morte, como a transpassam e se aproximam de sua possibilidade diária de finitude, além de identificar possíveis afetações que ocorrem pela vivência diária com a morte. Diversos questionamentos foram encontrados durante o desenvolvimento das análises dos depoentes, portanto foi concluído pelos autores dessa pesquisa que estes oficiais são de algum modo afetados pela morte de terceiros. Uma das questões levantadas durante os resultados foi à existência de “algo” que nos prepare para lidar com o sofrimento que a morte proporciona. Pôde ser observado que estes oficiais, apesar de não utilizarem todos do mesmo método, encontraram um modo próprio para enfrentar as implicações causadas pela morte. O mecanismo de negação é utilizado por grande parte dos entrevistados, sendo que, se afastar ou não lidar com as consequências que a morte proporciona é uma maneira de se enfrentar o sofrimento. Alguns oficiais mencionaram o “dom” que possuem para afastar os sofrimentos diários, como diversos autores pontuam, o que eles chamam de dom é na verdade um mecanismo de defesa, negação, do processo de enlutamento, evitando assim, entrar em contato diariamente com a angústia existencial que a morte propicia. Por outro lado, devemos evitar a patologização destes oficiais que ao enfrentarem tais situações, não desenvolveram outros modos para lidar com essas angústias que lhes são apresentadas diariamente. Um possível trabalho a ser desenvolvido com esses oficiais seriam grupos de atendimento que possibilitassem a elaboração desses conteúdos e dessa forma desenvolver novas estratégias para enfrentar a rotina de trabalho. Faz-se a ressalva de que esta pesquisa abordou apenas um pequeno fragmento do assunto estudado e atingiu seus objetivos identificando de que maneira a afetação ocorre com estes oficiais.

Sugerem-se, portanto novas pesquisas com esta temática a partir de outro ângulo e pesquisas interventivas com a população estudada.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOWLBY, J.; **Formação e rompimento de laços afetivos**. São Paulo, Martins Fontes, 1982.

GOMES, W. B.; **Apresentação: Fenomenologia e pesquisa em Psicologia**. Porto Alegre, RS: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

HENRIQUES, W. M.; **Supervisão: Lugar mestiço para aprendizagem clínica**. São Paulo – Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, PSA – USP, 2005.

KÜBLER-ROSS, E.; **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

MEIHY, J. C. S. B.; **Canto de morte Kaiowá, história oral de vida**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

PARKES, C. M.; **Amor e Perda: As raízes do luto e suas complicações**. São Paulo: Summus, 2009.